

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 46 — VOL. III.

Sabbado 19 de Novembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Reinado de D. Afonso VI, continuação — Agrigento — Antigas guerras dos gregos — Alexandria — De Goa para Lisboa pelo Tabo da Boa-Esperanca — Palacio de Barcelona — Duas mulheres da epoca, continuação — O amor e o dever, continuação — As setas de Cupido — Sonetos. GRAVURAS — Agrigento — Palacio de Barcelona — Alexandria

Historia da actualidade.

Noticias de Mossamedes affirmam que o distincto naturalista, o doutor Welwitch, que por conta do nosso governo anda estudando a flora da nossa Africa, tem achado o dito districto de uma rara riqueza.

— Em Loanda está sendo mui sensível a falta de meios, e especialmente de cobre.

— Em Benguella, á data das ultimas noticias, havia socego, e nada occorria que mereça menção.

— O brigue *Fortuna*, e a corveta *D. João I* tinham chegado ao seu destino, o primeiro com uma viagem de trinta e tres dias, e a segunda de trinta e quatro.

— O marquez de Mossullo, cujo gentio nos havia hostilizado á quem do Ambris, deu ao nosso governador geral todas as satisfações que se lhe exigiram.

— O marquez de Catende, por cuja eleição para rei de Congo se empenhava o nosso governo, conseguiu a investidura real.

— Em Setembro passado collocou-se na margem sul da embocadura do rio Zaire, o cruzeiro de pedra que para ali foi remetido em a nau *Vasco da Gama*, e mandado assentar por portaria de 25 de Dezembro de 1858.

— O local onde se erigiu este padrão é o mesmo que occupou o edificio pelo nosso descobridor Diogo Cam, em 1484, e que pelo andar dos tempos foi destruido.

— O letreiro que se assentou n'este novo padrão diz assim: — «Diogo Cam levantou n'este sitio um padrão de pedra no anno de 1484, quando descobriu o rio Zaire e as costas adjacentes, de que tomou posse em nome de D. João II rei de Portugal. Havendo aquelle padrão sido arruinado pela acção do tempo, foi por este substituido no anno de 1859, sexto do reinado de D. Pedro v.»

— Na parte opposta ao letreiro acima insculpiram-se em relevo as armas reaes portuguezas com a legenda: *in hoc signo vinces*.

— Segundo uma nota publicada pelo *Campão das Provincias*, a producção do vinho nos conce-

lhos da Bairrada, no corrente anno foi de duas mil cento oitenta e duas pipas de vinho maduro; oitenta e cinco de geropiga; e tres de aguardente.

— Asseguram as folhas inglezas que o gabinete britânico convidado agora oficialmente para assistir ao congresso que se deve reunir no proximo mez de Dezembro, acaba de annuir a elle.

— O governo austriaco publicou na gazeta um decreto reduzindo o exercito d'aquella nação; o que prova que o imperador tem confiança no cumprimento do tratado de Villa Franca.

— Garibaldi demittiu-se do commando do exercito, e isto foi causa de algumas demonstrações populares em Bolonha, tendo-se recorrido á guarda nacional para dispersar as turbas.

— Continua em Inglaterra com muito vigor o alistamento de voluntarios.

— O vapor *Canton* naufragou junto a Macau. Os passageiros salvaram-se.

— Os japonezes assassinarão dois russos, e o respectivo governo pedindo satisfação d'este acto, obteve-a.

— Vê-se dos jornaes inglezas que em virtude dos temporaes que reinaram desde 25 de Outubro até 3 do corrente, se perderam noventa e seis navios; e trezentos e trinta foram arrojados ás costas soffrendo graves prejuizos. Sob a seiscentas o numero das pessoas naufragadas.

— O celebre caudillo indio Jung-Bahadour, aliado dos inglezas, prometteu a estes lançar fora de Nepaul, Nana-Sahib, e os mais insurgentes que se acham n'aquelle territorio.

— Nos arsenaes da Grã-Bretanha se estão construindo actualmente navios de grandes dimensões.

— No dia 12 do corrente foi ali lançada ao mar, no arsenal de Portsmouth uma grande nau de linha. A rainha, o principe Alberto, e quasi toda a familia real assistiram ao acto. A filha mais velha da rainha Victoria, esposa do principe da Prussia, foi quem baptizou por suas regias mãos esta embarcação, dando-lhe o nome de nau *Victoria*. Monta cento vinte e uma peças de grande calibre.

— Os grandes preparativos da Inglaterra fazem susseguir outra vez, que a guerra rebente entre ella e a França. Os corpos de voluntarios no Reino Unido já contam cem mil homens.

— Em França nomearam-se já os cirurgiões militares que hão de acompanhar a expedição á China.

— A receita do nosso asylo de mendicidade no mez de Setembro foi de 4:148\$523 réis, e a despesa de 2:319\$704 réis.

— Annuncia-se um novo livro nos prélos — as

Impressões de viagem do senhor Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, actual secretario do governo do estado da India, com o titulo de *Lisboa a Goa*.

— Esta semana foi apprehendida, pela policia do governo civil de Lisboa, uma quadrilha de sete ratoneiros.

— Espera-se ainda este mez a chegada da nova corveta *Maria Anna*, que foi construida em Inglaterra.

— No dia 18 do corrente principiaram as hostilidades do exercito hespanhol contra os marroquinos.

— O governo prussiano destinou uma fragata para estacionar durante as hostilidades nas aguas de Marrocos.

— O imperador da Russia mandou agradecer ao conselho federal os cuidados que o mesmo prestou á imperatriz mãe durante a sua residencia na Suissa.

— Morreu o coronel Montalembert que commandava um regimento de cavallaria na ultima acção dos francezes da Argelia contra os marroquinos.

— Continuam com muita actividade em Hespanha os alistamentos para o exercito, e é grande o entusiasmo nas povoações por esta guerra.

— Ha grandes reformas em Constantinopola, principiando pela casa do sultão. Por ordem do imperador se expediu uma pragmatica para impedir o luxo desarrazoado das damas turcas.

— A tragica Ristori é esperada até ao fim do corrente mez outra vez em Lisboa, de volta do Porto, onde egualmente excitou grande enthusiasmo.

Reinado de D. Afonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELHOR.

Continuação.

Depois da convocação que o infante fizera aos fidalgos do seu partido tambem o rei convocou todos elles, e lhes declarou que era negocio seu o negocio do conde de Castelmelhor, prohibindo a muitos irem a casa do principe, e ordenando a todos que fossem assíduos no pago. No dia seguinte, porém, levantou as prohibições temendo talvez que não fizessem caso d'ellas. Com o

rumor que se espalhara corriam a Lisboa os fidalgos de todas as provincias. Temendo as consequências d'isto, ordenou o rei a D. Luiz de Mezezes, que viera a capital, que voltasse para onde estava, com ordem de não sair de lá; e expediu correios ao conde de San-João, ao de Miranda, e a outros, para que se não afastassem dos seus cargos.

Depois de ter declarado que fazia sua a causa do conde, todos os amigos d'este se lançaram a rainha, para que fizesse declaração igual á do rei, rompendo contra o principe. O proprio conde fallou n'isto muitas vezes ao enviado francez, e ao abade Bani. N'uma occasião, estando os tres juntos tiveram sobre o assumpto largo entretenimento, dizendo ao conde que não tinha razão em querer que a rainha fizesse voltar o secretario d'estado; nem que se declarasse abertamente contra o principe, para salvar elle conde; se ao mesmo tempo lhe não propozesse, da parte do secretario d'estado e da sua, satisfação pelo passado e pelo futuro. Acrescentavam que o seu procedimento dava lugar á rainha suspeitar que elle queria salvar-se á custa d'ella, sem lh'o agradecer, e sem lhe preparar futuro melhor. A este respeito repetiu-lhe o abade Bani o seu proverbio patrio: *passato il pericolo, gabbato il sulto*.

Saint-Romain aconselhava que se accommodassem em bem; o conde escapava-se, deixando em duvida quaes eram as suas intenções acerca da rainha. Em todas as occasões não acabava de repetir que era muito estranho que o rei fizesse sua a causa d'elle conde, e que a rainha abandonasse seu marido, e não quizesse como elle declarar-se. Os amigos de Castelmelhor repetiam isto bem alto, e, mais, que a rainha queria perder tudo.

Instruida d'isto, respondeu a rainha que não dava ao conde o direito de julgar o seu dever e o interesse do estado; que elle consultando apenas a sua paixão, é que queria perder tudo, quando ella, que estava livre de paixões, ou as senhoreava, tudo queria salvar. Que se se declarasse, como o conde queria, o principe não deixaria de se resentir, do que havia muito a temer. Tendo os fidalgos e o proprio povo por si, nada ficaria que pudesse contel-o. Que se reservava para apparecer e obrar quando fosse tempo, e salvar tudo por uma boa combinação.

O abade Bani e Saint-Romain louvando a prudencia da rainha, começaram a dispôr o conde a que a constituísse mediadora n'este negocio; mas encontraram n'elle grande repugnancia. Castelmelhor bem sabia que para conseguir isso da rainha era preciso prometter-lhe previamente toda a casta de satisfação, principalmente pelo que tocava ao futuro. Por fim pareceu resolver-se, e respondeu que o secretario d'estado Antonio de Sousa de Macedo faria tudo que lhe suggerissem para merecer o perdão. Pela sua parte, para fazer esquecer as coisas passadas, promettia que a rainha assistiria de futuro a todos os conselhos, e que nada se passaria no governo sem parecer e approvação d'ella, sendo tambem senhora absoluta da sua casa, da qual até poderia despedir a marquez de Castelmelhor, (mãe d'elle conde) supplicando entretanto, que se era possivel a conservassem. Promettia mais que o rei apresentaria mr. de Laon para o cardinalato, e que finalmente consignaria em Lisboa, nas rendas geraes, quanto pouco mais ou menos equivallesse ao que se lhe devia dar pelo seu contracto de casamento, pagando-se-lhe regularmente todos os mezes a duodecima parte d'essa renda. Para maior segurança da rainha affirmava, que o rei lhe declararia e prometteria por sua propria bocca tudo isto, e que elle conde tambem se obrigaria, mesmo por escripto. Acrescentava de-sejar que o secretario d'estado voltasse immediatamente, e que a rainha recebesse ambos em sua graça sem mais demora.

Disseram-lhe que n'isto nada havia de urgente, e que se o considerasse tal punha em alarme o infante, quando, primeiro que tudo, o que era preciso era apasiguar-o: que depois a rainha regularia com descanso a sua casa, admitiria o conde, e consentiria na reaparição de Antonio de Sousa de Macedo.

Continúa.

JOSÉ DE TORRES.

Agrigento.

Sabe-se qual foi o antigo esplendor da Sicilia. Outr'ora rival da Grecia e de Cartago, celloiro de Roma e de Italia, esta ilha descaiu da prosperidade, que era a inveja dos tyrannos e proconsules. Presa alternativamente das devastações dos sarracenos, dos normandos, dos alemães, dos francezes, e dos aragonezes, saiu das mãos de todos estes diferentes possuidores, que por seculos disputaram a sua posse, muito pobre e destruída. Como a Italia, sua irmã em gloria e abatimento, espera a hora da regeneração. O seu solo é bello e aprazivel, o povo engenhoso e cheio de generosidade.

As ruínas são, por assim dizer, a unica coisa que tem o privilegio d'atralhar o viajante á outra margem do estreito que os antigos tinham personificado na temerosa ficção de Charybdis e Scylla, e por onde deslizam, ha muito tempo, sem receio nem perigo, os frageis barcos dos pescadores napolitanos.

A vaidade nacional, apoiada em estatísticas mentirosas, occulta a decadencia das cidades modernas. Palermo e Messina, em todos os seus palacios e casas, não abrigam mais de cem mil almas, total das respectivas povoações, ao passo que Syracusa, só, contava mais de um milhão de habitantes; e Syracusa não era senão uma e-trella no meio do longinquo ceo onde ainda brilham na historia Hymero, Centurippo, Agrigento etc.

Entre outras, Agrigento e uma das cidades cuja grandeza deixou magnificos vestígios: a moderna Girgenti não pode fazer-lhe esquecer, mesquinha que vegeta aos pés de gigantes ruínas do passado.

Antigamente dizia-se dos habitantes d'Agrigento, que se entregavam aos prazeres como se só tivessem um dia a viver, mas que edificavam como se não houvessem de morrer. Assim a sua memoria tem atravessado os seculos. No solo que outr'ora calcaram orgulhosos, ficaram monumentos, testemunhas irrecusaveis do poder, cuja base não estava absolutamente na riqueza material, mas que se apoiava tambem no genio d'um povo tão proprio á cultura das artes e sciencias.

A mythologia grega conservou uma especie de santuario nas ruínas d'Agrigento. No meio de todas as pompas, que ainda se descobrem, d'uma religião humilhada, um unico edificio existe de pé — o Templo da Concordia. Acharemos no seu destino a causa de tal duração? O culto da Concordia terá parecido, aos barbaros como aos christãos, mais digno de respeito que o culto de Marte ou de Venus? A historia desmente o que poderia haver de fisonjeiro para a humanidade n'esta presumpção.

Em primeiro lugar a denominação de *Templo da Concordia* é um titulo de pura convenção, que nenhuma tradição authentica justifica; e depois, os piedosos sicilianos contam sem hesitar que o corpo de S. Gregorio, bispo d'Agrigento, esteve antigamente depositado no recinto pagão, e esta especie de baptismo, sancionado por um feretro, tem desviado os demolidores. Diante do tumulo do santo o machado cae, e o anathema emmudece: a bocca não tem voz senão para recitar fervorosa oração, e o braço só tem força para fazer o signal de cruz.

O templo da Concordia está pois quasi intacto: falta-lhe apenas uma parte do entablamento lateral, que, sem muita despeza, e com facilidade, se poderia restaurar. O edificio tem cento vinte e dois pés de comprimento, e apresenta uma fachada, cuja largura é de cincoenta e dois pés; dos lados ha uma columnada, que pertence á ordem dorica.

Em todas estas felizes concepções da arte grega ha uma pureza de formas que se casa perfeitamente com o ceo azul, e com a suave vegetação das regiões meridionaes.

As pedieiras d'Agrigento são muito importantes. A pedra que d'ahi se tirava era singularmente porosa e susceptivel de se alterar; mas não é preciso considerar este inconveniente para explicar as ruínas que cobrem estes logares. Sem fallar de outras causas, tem havido tremores de terra frequentes e terriveis nas vizinhanças do Ethna, e, alem d'isso, tempestades que, sob o clima da Sicilia, não respeitavam nem as plantações com que a natureza em-

belleza os campos, nem as construcções mais solidas levantadas pela mão dos homens. ***

Antigas guerras dos gregos.

Publicamos, por nos parecer interessante, a seguinte resumida noticia das guerras que os antigos gregos sustentaram. Dividida como se achava, a Grecia empenhou-se em grande numero d'empresas, mais ou menos importantes, e das quaes saiu quasi sempre triumphante.

Aquelle abençoado solo não viu nascer só philosophos: produziu tambem guerreiros, que responderam nobremente ao chamamento da patria.

Sem fallar das guerras que a Grecia sustentou para o estabelecimento de tantas monarchias em que estava dividida, ha bastantes estrangeiras e civis, de que nos restam alguns monumentos.

A primeira foi a dos athenienses contra Creta. Egeu, rei d'Athenas, fizera matar Androgeo, filho de Minos, rei de Creta. Ignora-se o motivo que levou este joven principe a Africa. Seu pae desembarcou em Athenas um poderoso exercito, e vingou-lhe a morte, devastando tudo.

A fome seguiu-se de perto, e obrigou os athenienses a entrar em negociações de paz com os cretenses. A principal e mais dura condição do tratado foi que os athenienses enviariam todos os annos para a ilha de Creta, hoje Candia, sete mancos e outras tantas donzellas, para serem immolados aos manes d'Androgeo. Theseo, filho do rei Egeu, ou porque lhe caise em sorte, ou porque assim o quizesse, partiu com as victimas, doze annos antes da expedição dos Argonautas. Ahi namorou-se da filha de Minos, chamada Ariadne, e com o seu auxilio matou o minotauro que devorava o tributo dos athenienses, saindo victorioso do Labyrintho, por meio d'um fio que atara á entrada, e conduzira consigo em todas as voltas. Enfim fugiu da ilha e voltou triumphante a Athenas, onde achou o throno vago pela morte de seu pae, que se precipitara ao mar, em um momento de desespero, causado pela presumida morte do filho.

A segunda guerra estrangeira foi a famosa expedição dos Argonautas para a Colchida, paiz situado na extremidade oriental do mar Negro, ou Ponto Euxino. O objecto d'esta empresa era recobrar os thesoiros que Phrixo para ahi levava, e a que os poetas chamam *Felloicino*. As vistas politicas de Pelias, que concebeu o projecto, eram livrar-se de Jason Pelias tinha usurpado o reino de Thessalia a Eson, seu irmão uterino, e pae de Jason, que era o legitimo herdeiro. Tenendo que este pretendesse reinar em Thessalia, propoz-lhe o seu projecto, e excitou-o á segui-lo, promettendo-lhe fazer as despesas, e ceder-lhe a gloria e o proveito.

Jason, que tinha caracter guerreiro, caiu no laço. N'este projecto, só viu a gloria, e riquezas para adquirir. Gloria, vingando a morte de Phrixo seu parente, que Eta, rei de Colchos, mandara matar para gozar seus thesoiros; riquezas, apropriando-se de todas as que achasse. Equipou um grande navio, e convidou todos os brancehos corajosos da Grecia a partilharem com elle a gloria da empresa. O famoso Hercules, filho d'Alcmena, Castor e Pollux, Orpheo, excellent musico e poeta, Peleo, pae d'Achilles, Theseo, cuja destreza e valor se tinham feito notaveis em Creta, e muitos outros principes acompanharam-no.

Na derrota, foram arrojados para as costas de Troya. Foi ahi que Hercules livrou Hesione d'um monstro marinho, e a obteve em casamento de Laomodonte, rei de Troya, e pae da princeza, para esposar á sua volta de Colchos. Tornando a embarcar, passaram o estreito de Hellesponto, e, depois de penosa navegação, chegaram á foz do Phasis. Os chefes foram comprimentar o rei de Colchos, dando-se como viajantes, que, por curiosidade, visitavam diversos paizes. Este e a sua corte receberam-nos com toda a especie de honras. Jason agradou a Medea, filha do rei. Tendo percebido o amor que inspirara, e conhecendo o auxilio que podia receber d'esta astuta, intrepida, e corajosa princeza, atrahiu-a promettendo-lhe casamento, e de-cobriu-lhe o seu projecto. Medea facilitou-lhe o roubo dos thesoiros do rei, e embarcou com elle.

Os Argonautas, tendo com felicidade levado a cabo a sua empresa, fizeram-se de vela secretamente, e aportaram a Troya. Ahi pediu Hercules de novo Hesionea Laomedonte; e indignado da recusa, matou este perfido rei e todos os seus filhos, excepto Priamo a quem deu o throno, e levou consigo Hesionea. Apenas chegados á Grecia, fez celebrar jogos festejando o feliz successo de suas empresas: foi a primeira instituição dos jogos olympicos.

Jason, temendo que Pelias, seu tio, rei de Thessalia, o privasse dos thesoiros de Colchos, retirou-se ao palacio do rei Creon, em Corinto. Espousou a filha d'este monarcha, e repudiou Medea, depois de dez annos de casamento. Medea, irritada pela affronta, mostrou-lhe de quanto e capaz uma mulher envenenada. Matou os filhos d'ambos, fez morrer toda a familia de Creon, lançou fogo ao palacio de Corinto, salvando-se em Thebas, junto de Hercules, e d'ahi voltou para a Colchida. Jason, traspassado da mais viva dor, e desesperado por taes infortunios, matou-se. Thessalus, o unico de seus filhos escapou á ira de Medea, retirou-se para Iolcos, na Thessalia, e recuperou o reino de Eson, seu avô.

A terceira guerra foi a de Thebas. Tendo o rei Oedipo arrancado os proprios olhos, para se punir do parricidio e incesto involuntarios, que commettera, Ethocles e Polynices, seus filhos, combinaram governar o reino alternativamente, reinando cada qual por espaço d'um anno. Quando se gosa do poder soberano, não ha vontade de o perder. Ethocles, terminado o seu anno, recusou entregar a seu irmão as reas do governo. Polynices invocou o auxilio de Adrasto, rei d'Argos. Os soberanos da Grecia dividiram-se: a guerra foi longa e mortifera. Thesio, vendo os dois partidos muito enfraquecidos, appareceu á frente dos seus athenienses, e tomou a cidade de Thebas.

O rapto de Helena, mulher de Menelau, rei de Sparta, foi a causa da quarta guerra. Helena passava por ser a mulher mais formosa de toda a Grecia. Thesio raptara-a antes d'ella ser casada com Menelau: mas os Tyndaridas tinham-lha arrancado das mãos, induzindo os athenienses a destruir o raptor para a ilha de Scyos, onde morreu. Paris, filho de Priamo, rei de Troya, não foi mais feliz no seu rapto, ainda que apenas fosse uma represalia. Os Argonautas tinham roubado Hesione, sua tia: Priamo, para se vingar, mandou seu filho Paris raptar Helena.

Menelau sublevou toda a Grecia contra Priamo. Esquipou á custa de todos uma frota de mil velas, e transportou poderoso exercito para Troya. Todas as cidades do reino de Priamo foram tomadas e saqueadas, e os campos assolados: a capital entreteve mais os aliados que todo o resto do reino. Os reis d'Asia enviaram a Priamo exercitos auxiliares. Os combates foram frequentes e sanguinolentos, mas rara vez favoraveis aos troyanos. Entretanto defenderam-se na sua capital com tanto valor, inquietaram os sitiadores com tantas sortidas, que estes por fim causaram, enfraqueceram, e desanimaram. Depois de dez annos de violenta guerra, fallou-se em paz.

Antenor e outro partiram para o acampamento grego, afim de combinar as condições; mas, em vez de servirem a sua patria e o seu rei, atraçoaram uma e outro, e offereceram-se para entregar a cidade aos gregos. Aceito o offerecimento, tratou-se dos meios de levar a effecto o plano, e para melhor encobrir a traição, assignou-se e publicou-se d'ambas as partes um tratado de paz muito vantajoso aos troyanos.

E' conhecido o modo como se effectou a tomada da cidade, e todos sabem que se seguiu espantosa carnificina, pilhagem horrivel, e destruidor incendio.

Assim acabou a famosa Troya, capital d'um dos mais florescentes reinos da Asia menor. Estava assentada á entrada do mar Egeo, no estreito de Hellesponto, hoje dos Dardanellos, ou de Gallipoli. Havia já duzentos oitenta e seis annos que fóra fundada por Dardano. Tros, que lhe deu o nome, Ho, Laomedonte, e Priamo, foram os ultimos reis. De todos os principes de sangue real, só ficou Enéas, filho d'Anchises.

A quinta guerra foi suscitada pelos Heraclidas.

Antes do cerco de Troya, tinham estes já por duas vezes tentado entrar no Peloponeso, que olhavam como o patrimonio de seus antepassados. A terceira tentativa foi-lhes favoravel. Sob o commando de Proclês e Eurystheneu expulsaram d'esta península os Pelopidas e outros povos, e dividiram a sua conquista. O reino de Lacedemonia, na Laconia, coube por sorte aos dois chefes da empresa. Chresphonte teve o de Mycenae, Temenes o de Argos, Aletas o de Corinto. A Oxilo, o etoliano, que muito contribuiu para o bom exito d'esta guerra, pertenceu o d'Elida. Iphito, um de seus successores, ahi restabeleceu os jogos olympicos, quatrocentos e oito annos depois da destruição de Troya.

A revolução do Peloponeso agitou toda a Grecia. Os povos, expulso pelos Heraclidas, foram expulsos outros. Sem luanie ao mar agitado, cujas vagas se empurram e repellem, esta região não via senão povos expulsos dos seus lares entrarem-na com mão armada, ou expulsar outros para ahi se estabelecerem. Tudo pertencia ao mais forte. Os mais fracos tomaram emfim a resolução de procurar asylo na Asia. Assim começaram estas colonias de gregos na costa occidental d'Asia menor. Assim se edificou Smyrna, e outras muitas cidades florescentes. Continua. ***

Alexandria.

Como o logar que hoje occupa Alexandria está longe de corresponder á grandezoa que na historia põe o seu nome em tão prodigiosa altura! Os recenseamentos do paclá do Egypto dão quando muito uma população de doze mil habitantes á cidade onde Cleopatra possuia trezentos mil vassallos.

Fundada por Alexandre o Macedonio, deveu aos Ptolomeus o ser um foco de sciencias que só muito tarde se extinguiu. Não é, porém, ao turco Omar que pertence a vergonha de ter incendiado as famosas bibliothecas, onde todos os thesoiros intellectuaes da antiguidade estavam conservados em uma collecção de setecentos mil volumes; é ao fanatismo da populaça, no tempo da reacção que teve logar, no reinado de Theodosio, contra as instituições pagãs.

Das antigas grandezas d'Alexandria restam apenas as agulhas de Cleopatra e a columna de Pompeio. Esta ergue-se no meio da planicie, sobre uma pequena eminencia solitaria, onde as suas extraordinarias proporções produzem pouco effecto, por falta de objectos de comparação. Imagine-se comtudo quatro enormes pedaços de granito, formando o pedestal, a base, o fuste e o capitel da columna, erguendo-se juntamente á altura de noventa e nove pés, e compoendo uma massa compacta de cinco mil seiscentos oitenta e tres pés cubicos. ***

De Goa para Lisboa pelo Cabo da Boa Esperança.

DESCRIÇÃO DA VIAGEM

Ao alvorecer do dia 23 de Fevereiro de 1854 demos á vela para Lisboa na galera *Robim Pri-meiro*. O mar estava sereno, o vento fresco, e o navio, que é um dos melhores da marinha mercante portugueza, vogava com grande velocidade.

Encostados á amurada, com os olhos fixos na costa, de que rapidamente fugiamos, em breves horas perdemos de vista as terras da patria amada. Oh! quantas recordações, quão vehementes saudades, quantas lembranças, ao mesmo tempo gratas e penosas, nos atravessaram o coração n'esses primeiros instantes de uma ausencia, que será talvez bem longa! N'esses momentos, em que viamos desaparecer successivamente as altas palmeiras e os cumes das mais elevadas montanhas, aligurar-se-nos tudo reduzido a uma enorme massa de rochedo, e por fim sumir-se no horizonte! Eram as primeiras impressões do viajante, que pela vez primeira deixa o paiz natal. Ali nascemos, ali vivemos dias felizes: ali nos ficaram patricios, amigos, parentes, as mais intimas relações, tudo! E a tudo, e a todos enviamos um adeus saudoso.

Navegando sempre com bom tempo, pela extensa

Costa Malabar, aos 3 de Março estavamos pela latitude da Ponta de Galles, e em 10 cortámos o Equador para o sul. Aos 11 começou o horizonte a engrossar, e as ondas inquietas alguma coisa nos perturbaram o somno, pelo constante balancear do navio: e assim continuou até o dia 15, em que tivemos alguma chuva. Bello e claro raiou o dia seguinte (16), para nos trazer, porém, de feia e má catadura a madrugada de 17, com fortes trovoadas, muita chuva, e mar revolto. Aos 18 melhorou o tempo, e á excepção de um pequeno aguaceiro no dia 21, proseguimos com vento fresco e horizonte claro ate as dez horas da manhã de 25. D'ahi em diante as cortinas azuladas do firmamento tingiram-se de negro: foi o annuncio de fortes trovoadas, vento duro, e mar extremamente encapellado.

Não foram muito melhores os dois dias subsequentes (26 e 27), nos quaes, posto terem cessado as trovoadas, a galera jogava em todo o sentido, dando grandes balanços, por conservar-se o horizonte annuveado, despejando rajadas de vento e alguma chuva, que cessou na madrugada de 28, melhorando o tempo, para se tornar peor a 31, em que mais fortes voltaram as chuvas e as trovoadas.

Eram, provavelmente, os effectos de algum tufão nas Mauricias, cuja cauda ainda nos alcançara, com quanto nos achassemos já alguns graus ao sul, sendo por cautelosa prevenção, que o capitão da galera, o senhor Francisco José Ribeiro, habil piloto, e conhecedor dos riscos d'aquella paragem, levou o navio, ao passar por ali, dez graus distante da costa.

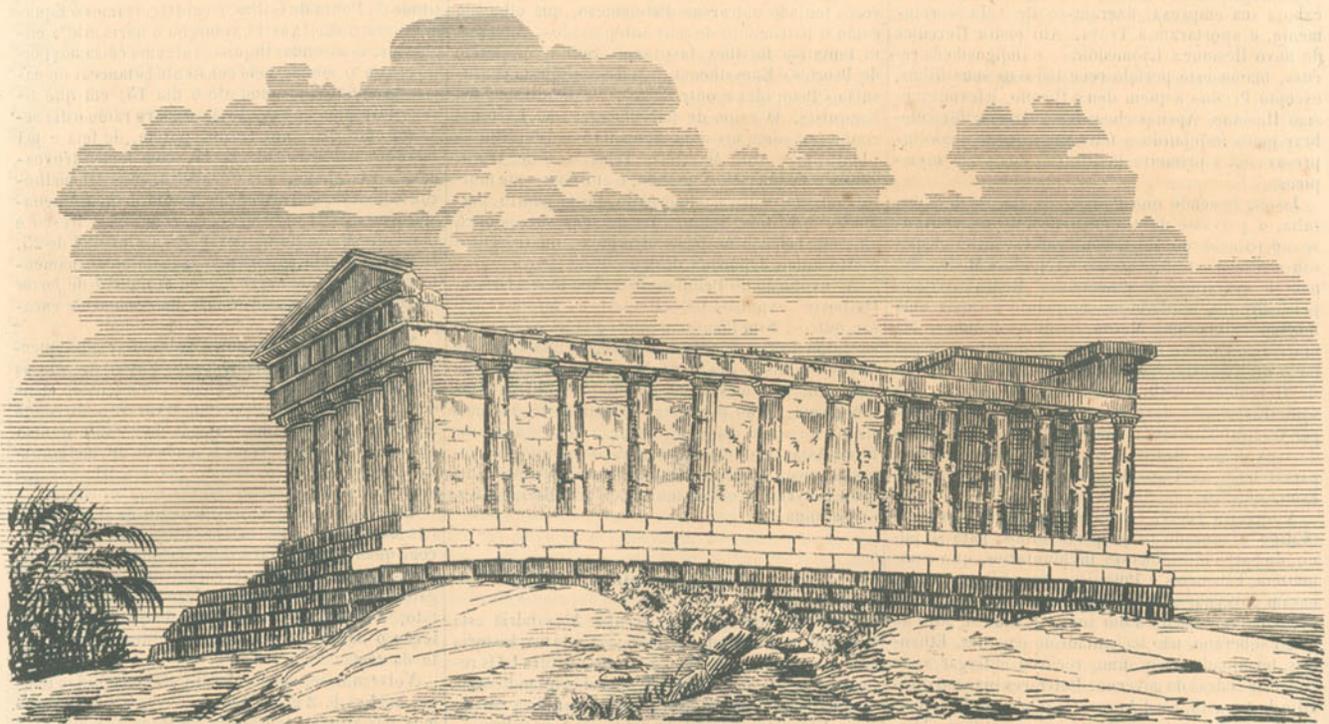
Volveram-se, sem novidade, com magnifico tempo, os dias 1, 2 e 3 d'Abril: n'este ultimo estavamos nas alturas da Cabeça de Madagascar. Aos 4 toldou-se de novo o horizonte: assim devia acontecer: a natureza fóra injusta se nos mostrasse vestida de galas a aurora de 4 d'Abril, que nunca mais deve raiar risonha e bella para quem tiver coração portuguez! E demos uma lagrima de saudade á memoria da augusta rainha, a senhora D. Maria II!

Do dia 5 em diante tivemos sempre calmas até 18! Quatorze dias, em que a embarcação parecia immovel sobre um immenso lago, tão liso como a superficie de um espelho! Só quem viaja é que pode fazer idéa da impaciencia e do aborrecimento que produzem no mar as calmas! Afóra desfeito vendaval, ou vento rijo á prôa, nada ha que mais possa amolinar o viajante! Reina então o bordo um silencio, que excita na alma profunda melancolia: parece que a mudez da natureza se comunica a toda a tripulação: o semblante de cada um manifesta uma especie de torpôr; mal se ouve o riso da marinagem, turba habitualmente alegre e ruidosa.

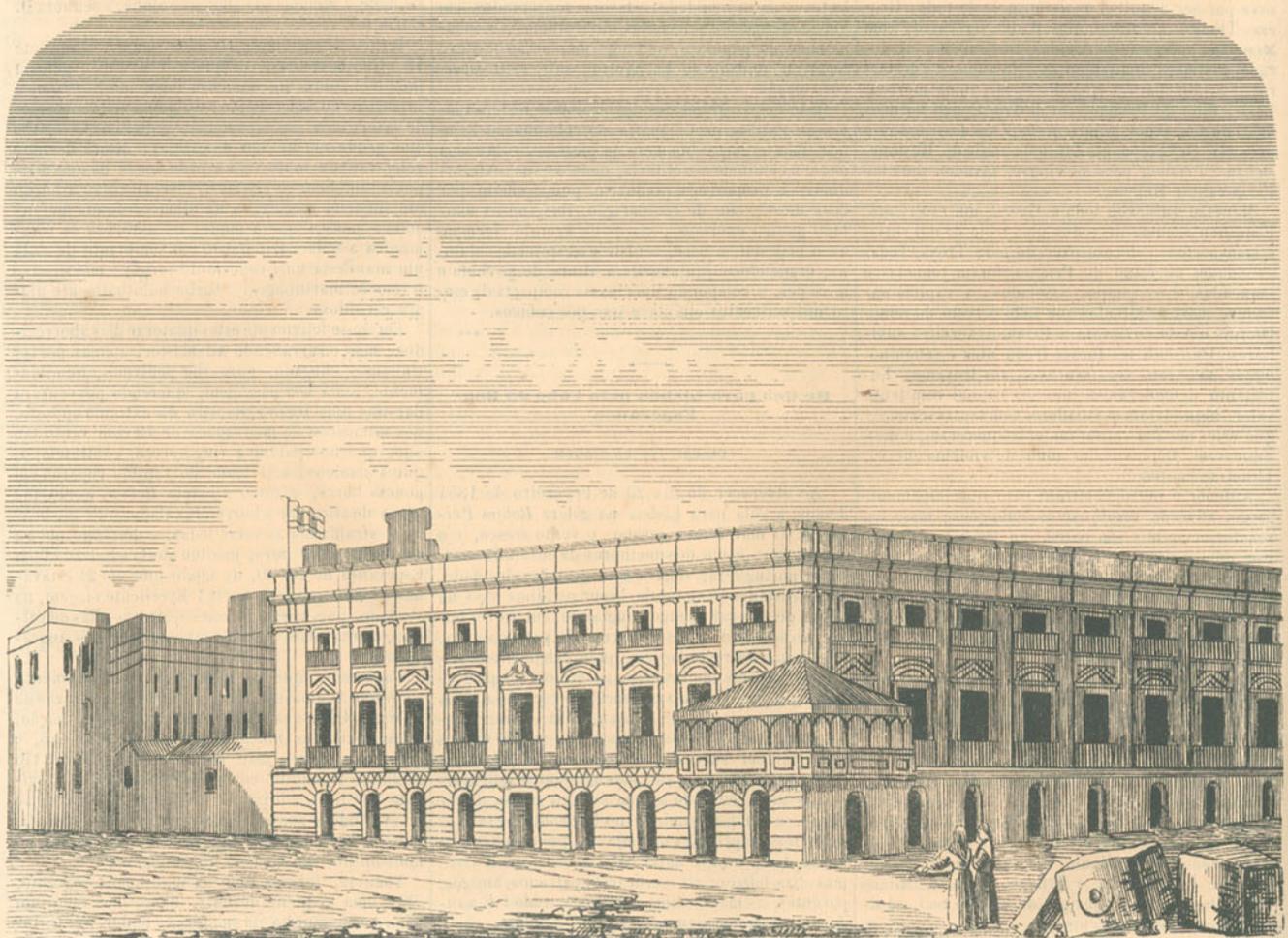
Foram-se felizmente estes quatorze dias aborrecidos; mas o carrancado Adamastor, a cujas portas tinhamos chegado, para lhe pedirmos, humildemente, uma boa passagem, querendo porventura dar-nos uma ligeira amostra do extremo opposto, nos mimoseou na madrugada de 19 com vento tão rijo, que nos partiu a verga secca, contratempo, que a immensa actividade do capitão reparou em poucas horas, e então a galera *Robim*, como que ufana de afrontar a horrenda catadura do feio-bruto, desfaldando as velas todas, e deitando nove a dez milhas por hora, montou afoita o Cabo da Boa Esperança no dia 20, de modo que em 21 estavamos já dois graus ao norte! Excelente viagem, na verdade, pois apezar d'esses quatorze dias de calmas, contavamos apenas cincoenta e seis singraduras!

Paguemos aqui um tributo de reconhecimento ao velho Adamastor, de quem não temos razão de queixa. Dera-nos elle vento rijo, mas á feição, como mais que muito desejavamos; e só isso, e nada mais, que o mar, durante o transitio, era tão brando e tranquillo como o formoso Mandovoy, agitado por ligeira brisa, de sorte que a embarcação levava todo o panno solto — joanetes, sobras, cutillos e varredouras, tudo; e nós passeavamos no tombadilho, saudando o nobre gigante!

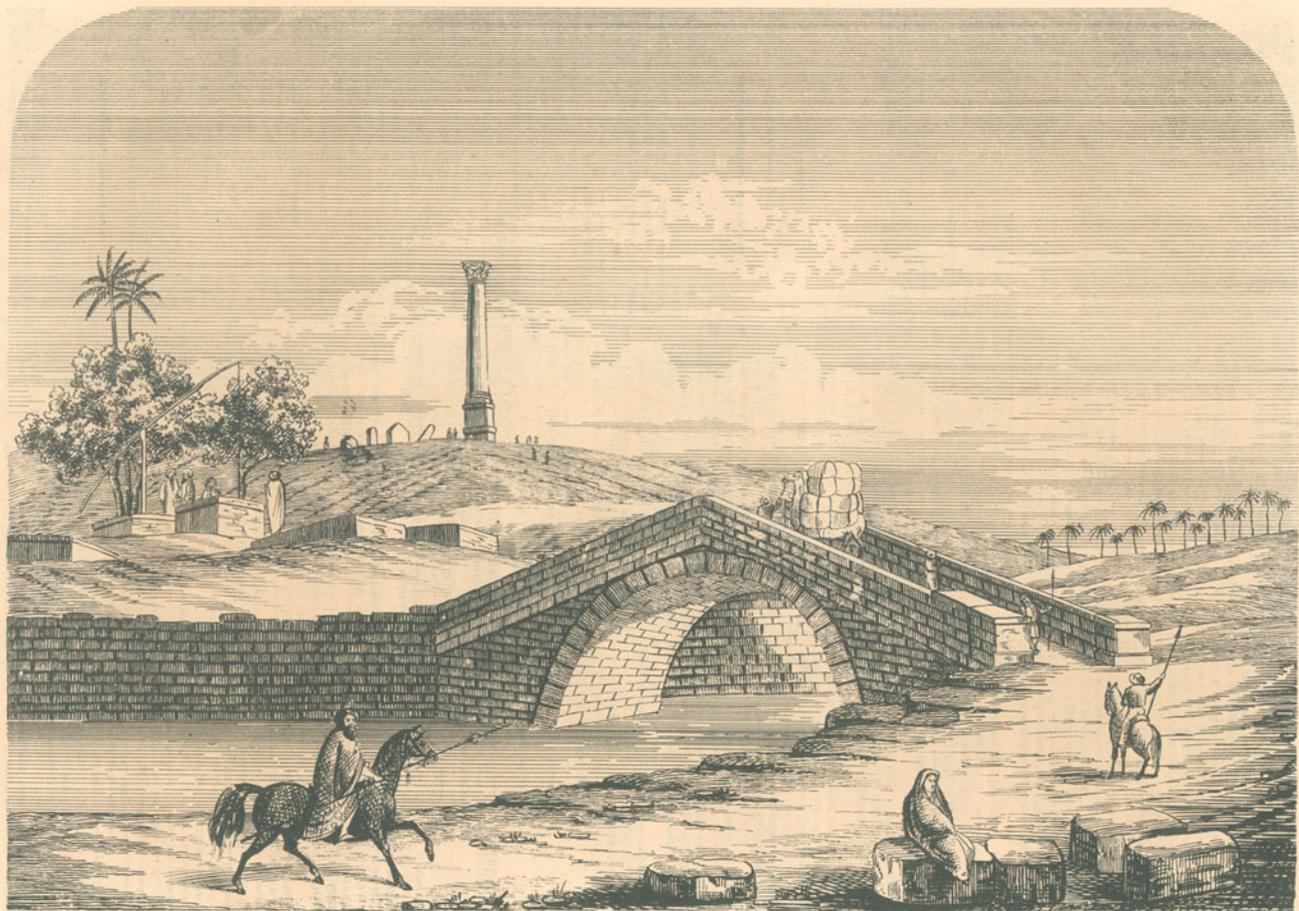
Todavia, fez-nos elle, na madrugada seguinte, (22) uma pequena desfeita, dando-nos como um ligeiro testemunho da sua força e poder, vento duro, mar alto, e grandes balanços; mas estavamos



Templo da Concordia em Agrigento



Palacio de Barcelona.



Ponte sobre o canal e columna de Pompeu em Alexandria.

já longe, custando-nos apenas estas brutaeas despedidas a perda dos enfeites da prôa, que as ondas trazaram no seu furioso embate.

Continua.

H. GARCEZ.

Palacio de Barcelona.

O palacio de Barcelona é um vasto edificio, quadrado e baixo. Está situado proximo do porto, e teve originariamente destino todo mercantil. A sua construção remonta ao anno de 1444. Em 1514, a municipalidade fez d'elle um arsenal. Em 1652, o rei Philippe IV privou a cidade do privilegio de possuir armas, e aproveitou a occasião para se apoderar do edificio, afim de servir de residência aos vice-reis e capitães generaes da Catalunha. O primeiro que o habitou n'esta qualidade foi o Marquez de Montara, que governou a provincia em 1656. Desde então ainda não mudou de destino. Fernando VII, na sua viagem a Bayonna, pernitoit n'este edificio; e Mina, o celebre chefe de guerrilhas, ali acabou seus dias. O palacio real (é o nome que hoje tem) é mais notavel pelos homens que tem abrigado do que pelas bellezas que encerra. Não tem nem pateos, nem porticos, nem jardins; e a pintura é ali apenas representada por alguns quadros mythologicos assaz mediocres. A sala do baile, cuja grandeza se exaggera, é a mais bem conservada, apezar mesmo dos capitães generaes terem cuidados mais importantes do que o de dar bailes. A porta, e a muralha que defende do mar a cidade, erguem-se proximo do palacio; e se as citamos, é porque foram construidas por um membro da familia dos Borgias, que encheu a Italia com seus crines, e era oriunda do reino de Valencia. O nome d'aquelle a quem nos referimos é *Francisco de Borja*, duque de Gandia, que veio a Barcelona na qualidade de vice-rei.

Outros edificios de Barcelona merecem fixar a attenção pelo gosto ou riqueza da sua architectura. A antiga igreja de Nossa Senhora do Mar tem bellas torres. A alfandega é toda construida de marmore branco. A praça do commercio não é menos notavel; a sua escada é de grande magnificencia, porque, sendo muito larga, cada degrau é d'uma só pedra de marmore.

Doas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

Continuação.

II

PARTIDA PARA A CRIMEA.

Carlos Condinho padecia. Os medicos tinham feito todos os esforços possiveis para o restabelecimento, e assentaram mandal-o para a Madeira.

O doente recusou.

A baroneza affligia-se com a opposição de seu filho aos conselhos dos facultativos; e affligia-se ainda mais porque a presença d'elle, no estado deploravel a que tinha chegado, era um stygna constante lançado em todas as suas ideas de distracção e de prazer.

Matheus d'Andrade, a rogos da baroneza, principiou a tratar de convencer Carlos a partir para a ilha da Madeira.

Carlos sempre tinha sido amigo de Matheus de Andrade; e foi quasi pela mão d'elle que avançara o primeiro passo na vida em Lisboa; tinha-lhe sempre tributado certo grau de consideração em relação á experiencia d'essa vida, e muitas vezes tinha tambem acnado no seu conselho o prompto remedio contra qualquer difficuldade moral.

Matheus d'Andrade, um dos dias que foi visitar Carlos, principiou a advogar a parecer dos medicos, e o desejo da baroneza.

Carlos estava pallido e abatido. Qualquer moralista teria notado n'elle o effeito terrivel de um pensamento fixo, contrariado pela difficuldade absoluta; um coração caído, exausto de lutar; uma vontade energica, sem o apoio da idéa inventiva.

Matheus d'Andrade conheceu isso logo ás primeiras palavras de Carlos.

— A ilha da Madeira seria um deserto para mim!

— Ah! sim, convenio, e não mais te fallo em ir para o deserto; salvo se fosse possivel povoar aquellas margens africanas com alguma d'essas imagens queridas... Vamos, falla. Já conheci uma coisa em que, a posto, não pensaram os teus habéis facultativos: conheci que a origem da tua doença é toda moral. Ora, a moral não se cura com oleo de figados de bacalhau, nem com os ares da ilha da Madeira. Falla; tenho alguns annos mais... porém asseguro-te que não me envelheceram o coração!

— Andrade, disse-lhe Carlos, pegando-lhe amigavelmente na mão; tenho vinte e um annos... e já estou mais velho do que tu! No periodo illusorio da primeira mocidade, não sabia o que era a decepção moral; hoje sei!

— Rogo-te que não me digas o prologo da tua historia, e muito mais que não a dividas em capitulos. Conta-me tudo junto, á queima roupa; e vamos direito ao ponto principal d'ella toda! Tu amas alguma mulher que te despreza.

— Não! não dizes bem; respondeu Carlos com seriedade; amo um aujo, que não pode pertencer-me.

— Um anjo?!... repetiu Matheus d'Andrade, olhando desconfiado para o amigo, receioso de lhe encontrar no gesto algum signal de alienação.

Carlos estava reclinado n'uma cadeira de molas, e olhava tristemente para o chão.

— Mas porque motivo não pode pertencer-te esse... seja! esse anjo a que te referes? perguntou Matheus d'Andrade.

— Porque? porque pertence á caridade evangelica a sua piedosa missão!

Matheus d'Andrade principiou a roer uma unha; houve um momento de silencio.

— O amor, disse elle enfim, vai por vezes muito longe buscar corda para se enforçar; mas a fallar-te verdade... não percebi bem o que queres dizer. Peço-te que falles com franqueza.

— Pois bem; amo uma irmã de caridade.

— E ella... não tem caridade alguma?...

— Andrade, se vens consolar-me, estimo a tua visita, e ainda mais estimarei ouvir os teus conselhos; se pelo contrario vens mofar de mim... fico-te mais obrigado se me deixares.

— Desculpa, Carlos; se me fallas com seriedade, escutar-te-hei com attenção. E o que desejo é ouvir-te. Falla.

— Tens paciencia para ouvir uma especie de romance?

— Já o adivinhava! Terei, se tiveres bastante para contar-m'o.

— Então ahí vai. Pouco tempo depois de chegar a Paris, fui a Inglaterra; creio até que te escrevi na vespera da partida. Quando voltava pihámos mau tempo no canal; o vento e o mar desviaram-nos do rumo; e uma noite, noite horrorosa, em que a chalupa quasi beijava as nuvens, sentimos gritos de soccorro, que as rajadas do vento nos traziam de grande distancia. Poupo-te a descrição da tempestade e do naufragio; ficas sabendo que houve um: naufragou o paquete que tinha saído de Lisboa. Não sei como tudo aquillo se passou; sei que estando eu agarrado a um cabo na pópa da chalupa, e olhando assombrado para os pharoes que do vapor intentavam igrar nos mastros, para marcarem a sua posição á gente da chalupa, senti um grande estrondo, como de explosão, depois gritos agonisantes, e, momentos depois, vejo boiar na ondã um corpo coberto de roupas brancas, que vinha de certo esmigalhar-se de encontro á pópa do nosso barco.

Não sei o que senti! Não sei que forte commoção experimentei ao ouvir uma voz debil e afflicta elevar a sua ultima supplica... Atei com rapidez uma corda pela cintura, e atirei-me sobre esse corpo exausto tornado em ludibrio das vagas!

Por felicidade nossa, o homem do leme viu o meu acto de imprudencia; precipitou-se sobre a corda, puxou-a, e conseguiu trazer-nos quasi até á borda.

O medo de morrer, o instincto da propria conservação, excitado pelo perigo, fez o resto; agarrei-me, por onde achei, empreguei todas as mi-

nhas forças, e cai rolando no convez, abraçado a essa infeliz, que, sem mim, teria perecido afogada.

Para que heide demorar mais a surpresa?! Essa infeliz era, não sabes quem? Cesarea!

A bonança succedeu á tempestade; em mim, porém, não succedeu assim: a desesperação d'aquella noite ficou-me para sempre!

Quando chegámos, Cesarea agradeceu-me o meu acto de dedicação, e recusou aceitar o meu auxilio. Expuz-lhe tudo que por ella sentia... tudo que a sua extraordinaria belleza me inspirava; pinte-lhe a desesperação em que eu ficaria se recusasse corresponder aquelle sentimento profundo... Foi inutil!

Entretanto a divida de Cesarea era tal, que não lhe permittia ser totalmente ingrata. Concedeu-me algumas entrevistas em Paris, na presença de outra mulher que eu não conhecia; mas essas entrevistas, longe de me satisfazerem, deixavam-me ainda mais atordado!

Era, por esse tempo, a grande crise do Oriente. Milhares de homens embarcavam para a Crimeia. A guerra estava no seu auge, e em breve eu teria de deixar de ver Cesarea, porque ella ia partir com algumas irmãs de caridade para esse terreno fatal, onde o colera augmentava os horrores da guerra.

Continua.

A. HOGAN.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

SCENA VIII.

OS MESMOS, e JOSÉ DE MIRANDA.

JOSÉ DE MIRANDA (*a Margarida*) — Bom dia, minha senhora. Já de pé!

MARGARIDA — Gosto de me levantar cedo.

JOSÉ DE MIRANDA — E tem v. ex.ª razão. Estes sitios são tão encantadores que a admiral-os se absorvem os instantes.

MARGARIDA — Divertiu-se muito na reunião de hontem?

JOSÉ DE MIRANDA — Não me desagradou; foi uma função de provincia, sem etiqueta, mas esperava ter-me divertido mais.

MARGARIDA — Dançou com Adelaide?

JOSÉ DE MIRANDA — Com Adelaide?... Essa rapariga que fugiu do sarau para dar um *rendez-vous* ao seu apaixonado?...

ADELAIDE (*á parte*) — Tambem elle!

MARGARIDA — Que diz, senhor?!

JOSÉ DE MIRANDA — Digo o que todos presenciaram.

MARGARIDA — O que?... tambem acreditará!...

JOSÉ DE MIRANDA — Essa rapariga é uma infeliz de quem se deve ter dó, e nada mais.

ADELAIDE — Jesus me valha!

MARGARIDA — Engana-se. Adelaide está innocente das accusações que lhe fazem. Jorge nunca a abandonou.

JOSÉ DE MIRANDA — Isso de criados é um genero que o oiro facilmente compra.

ADELAIDE — Jorge não se vende! a sua consciencia é mais pura, do que essas costumadas a criminaarem sem provas.

JOSÉ DE MIRANDA (*falsamente surprehendido*) — Estava aqui!... desculpe não a ter comprimentado....

ADELAIDE — Se pretende zombar de mim, retiro-me.

JOSÉ DE MIRANDA — E para que hade ter esse incommodo? (*a Margarida*) Eu amava essa mulher, amava-a com o ardor com que ainda hontem lh'o jurei. E' verdade que em outro tempo, tive a covardia de abusar da sua inexperiencia, mas a minha intenção era reparar essa falta... reparal-a como devia. Hoje foi ella que abusou indignamente da minha promessa, e já que me não tem podido ser indifferente, compete-me despresal-a agora

ADELAIDE — Se a condenção pesasse justamente sobre mim, havia de defender-me, senhor!

MARGARIDA — Juro-lhe que entre Julio e Adelaide nenhuma relação existem.

JOSÉ DE MIRANDA — Aquelle proceder de hontem não se pode desculpar; é indigna da amizade que lhe tinha. Bem o devia saber! a mulher que chegou a pisar o caminho da infamia, não pode voltar ao da honra.

ADELAIDE — Despreze-me, se tanto é preciso para satisfazer o seu odio contra mim; mas injuriar-me, isso não!

MARGARIDA — Não queira ser injusto. Adelaide nunca poderia incorrer na falta que imagina.

JOSÉ DE MIRANDA — Admiro a credulidade de v. ex.^a, e sinto não a poder imitar a respeito d'essa mulher.

MARGARIDA (*abraçando Adelaide*) — Oh! minha querida, só eu para te consolar, só eu para te fazer justiça!

SCENA IX.

OS MESMOS, e SEBASTIÃO dando o braço a FERNANDO.

SEBASTIÃO — Venha d'ahi, que diabo é andar de cabeça para o chão a scismar, a scismar... Vejam se dizem alguma coisa agradável a este amigo. Parece-me que anda apaixonado... olhem que ar de tristeza!

MARGARIDA — Tem alguma coisa, Fernando?

FERNANDO — Nada, absolutamente nada... e uma desconfiança d'este risonho e affavel parceiro do bilhar e companheiro da caça. Como anda sempre alegre, estranha um momento de seriedade dos outros.

SEBASTIÃO — Um momento... deixem-no fallar! Então não o encontrei agora debaixo de uma arvore do jardim, limpando os olhos a um lenço? Ora, como não fazia vento que levantasse poeira, é natural que o nosso amigo estivesse limpando o orvalho que algum sentimento... O caso é que eu não o larguei, tomei-lhe o braço e trago-o aqui para que o distraiam.

MARGARIDA — E' verdade que a sua physionomia parece outra!

SEBASTIÃO (*a José de Miranda*) — Anda tu, meu rapaz, dize-lhe alguma coisa que lhe tire aquella seisma da cabeça.

JOSÉ DE MIRANDA — Que heide eu dizer-lhe se posso juntar-me com elle?

SEBASTIÃO — Safa! todos hoje estão carrancudos! e celebre! Então tu tambem estás ferido do coração? Ai! que estes tolos deixam-se prender como os passaros no visco!

FERNANDO (*pensativo*) — O remorso e um soffrimento horrivel!

SCENA X.

OS MESMOS, e JOÃO DE CASTRO.

JOÃO DE CASTRO (*entrando precipitadamente*) — Aonde está, aonde está ella?

Todos (*assombrados*) — Quem?

JOÃO DE CASTRO (*surprehendido*) — Adelaide, essa rapariga... (*vendo-a*) aqui! aqui ainda!

MARGARIDA — Terei a experimentar ainda um novo infortunio?

JOÃO DE CASTRO — Mulher... saia... saia d'aqui!

MARGARIDA — Esses modos, senhor!...

JOÃO DE CASTRO (*repellido-a*) — Não a quero ouvir, essa mulher fora d'esta casa.

ADELAIDE — Não sei porque me accusam de novo, e com este rigor... desconheço a causa que me faz ser expulsa d'aqui! Sairei, já que m'o ordenam, mas juro que me acompanha a consciencia tranquilla; nada fiz para merecer tamanho desprezo. (*baixa a cabeça, e vai para sair*).

JOÃO DE CASTRO (*deitando-lhe a mão e impellido-a*) — Não, não hade sair assim; esta creatura diz que não deu causa a ser expulsa... pois saibam agora: esta mulher infame, roubou-nos!

Todos — Um roubo!

ADELAIDE — Eu não roubei nada, senhores, não commetti tão odioso crime.

JOÃO DE CASTRO — Esta rapariga, roubou as joias de minha mulher!

SEBASTIÃO — Que horror!

JOSÉ DE MIRANDA — Que infamia!

MARGARIDA (*ajoelha e põe as mãos supplicantes em frente de seu marido, soluçando*) — E' impossivel! é impossivel! Adelaide não podia roubar-me. Piedade, que é innocente!

ADELAIDE (*erguendo Margarida*) — O perdão, minha amiga, e para os criminosos que se pede, e ainda assim, supplica-se a quem pode absolver. Não chore; vê estes olhos? Não deitam uma unica lagrima! A desgraça tem por vezes o seu orgulho! Não roubei: venham as provas que me condemnem.

JOÃO DE CASTRO — Provas! provas!... Quer sobre a evidencia das circumstancias ainda mais provas? Esta mulher deixou a reunião para vir roubar-me a casa. (*para Margarida, dando-lhe um papel*) Leia, e avalie depois a infamia d'essa desgraçada.

MARGARIDA (*lendo, toda tremula*) «Corre ao gabinete de tua mulher e encontraras as gavetas arrombadas, e a falta da caixa das suas joias. Essa rapariga que acompanha sempre tua esposa, de accordo com o seu amante, perpetrou o roubo para depois fugir com elle.»

SEBASTIÃO — Deve ser justificada.

JOSÉ DE MIRANDA — Infame!

FERNANDO (*á parte*) — Oh! que morro de vergonha!

MARGARIDA (*com o lenço nos olhos dando o papel a seu marido*) — E' uma traição! ninguém como eu conhece a nobreza d'aquella alma. E' innocente! Adelaide é innocente, diga-me alguém que não! Que appareça a contestal-o o anónimo, e arrancar-lhe-hei a mascara! Podem criminal-a, senhores, ousem embora lançar-lhe epithetos affrontosos... para mim, é boa como um anjo! Nos meus braços, faço-te justiça. Adelaide, levanta a cabeça, refugia-te aqui nos braços da tua amiga.

JOÃO DE CASTRO (*separando-as*) — Basta! (*a Margarida*) Sou seu marido, tenho direito a exigir que me obedeca.

ADELAIDE (*caindo desfallecida no sophá*) — Que fiz... para tanto soffrer... meu Deus!... (*suffocada*) Ah!

MARGARIDA — Tem direito unicamente sobre as minhas acções, nunca sobre a minha consciencia!

JOÃO DE CASTRO — Levem-me d'aqui essa mulher, em quanto vou fazer chamar as autoridades.

MARGARIDA (*soluçando, e tomando-lhe a passagem*) — Piedade, João; é a mim que tu pretendes matar? Está innocente, juro-te...

JOÃO DE CASTRO — Não me peça misericórdia; as suas gavetas estão arrombadas, e vem pedir-me o perdão?! As suas joias desapareceram, e vem reclamar liberdade para a criminosa, querendo confundir-se com ella?

MARGARIDA — Não é culpada. João. Adelaide está, como eu, pura de similhante crime.

JOÃO DE CASTRO — Não se profane, não se eguale a essa desgraçada. Vou á justiça.

MARGARIDA (*detendo-o*) — Por piedade!

FERNANDO (*á parte*) — Não, tanta infamia, não!

(*a João de Castro*) Eu vou a policia, eu me incumbo de a fazer conduzir.

JOÃO DE CASTRO — Não percas tempo, depressa.

FERNANDO (*abraçando seu irmão*) — Socega, meu irmão... (*á parte*) E recebe tambem este derradeiro abraço! (*comovido, olha para todos como quem se despede, e passa junto de Margarida*) Vou salva-la! (*sae rapidamente*).

JOÃO DE CASTRO (*a Sebastião e José de Miranda*) — Levem... levem-me diante dos olhos essa creatura.

SEBASTIÃO (*a José de Miranda*) — Ajuda-me, o ar talvez que lhe faça bem. Vamos conduzi-la ao jardim. (*ajudado de José de Miranda, conduz Adelaide para o jardim*).

SCENA XI.

JOÃO DE CASTRO e MARGARIDA.

JOÃO DE CASTRO — Margarida, queira sentar-se. (*Margarida senta-se e João de Castro igualmente*) Temos vivido até aqui socegados e tranquillamente. não é assim?

MARGARIDA — Sempre. (*á parte*) Este seu modo gelia-me o coração.

JOÃO DE CASTRO — As suas vontades foram feitas sem obstaculos, e creio que nunca lhe dei um desgosto, não é verdade?

MARGARIDA — Nunca!

JOÃO DE CASTRO — Aborrecia-lhe a minha companhia, desejava outra vivenda?

MARGARIDA — Não. (*á parte*) Meu Deus! que pretenderá dizer?...

JOÃO DE CASTRO — De hoje em diante, havemos de entender-nos debaixo de certas condições... So lhe não agradarem, estabeleço-lhe uma mezada, e ou vai viver para casa d'uma parenta minha, ou para um convento.

MARGARIDA (*á parte*) — Que tormento! as suas palavras ferem-me a alma. (*alto*) Deixal-o, para que?

JOÃO DE CASTRO — Para se não oppór ás minhas determinações; primeiro que tudo, vou despedir os meus amigos... deixo-me de caçadas! A senhora reunia tambem como eu ás sociedades...

MARGARIDA (*á parte*) — Que pensará fazer com isto?!

JOÃO DE CASTRO — Sós que estejamos, não nos queixaremos um do outro... eu abandono os meus amigos... a senhora separa-se das suas amigas... e razoavel o ajuste, são reciprocos os contractos!...

MARGARIDA (*á parte*) — Meu Deus! (*a elle*) Essa dissimulação...

JOÃO DE CASTRO — Leia. (*dá-lhe um papel*)

MARGARIDA (*lendo*) — «A sua vida está em perigo, procuram envenenar-o; previna-se que está sendo victima da mais abominavel traição e da maior deslealdade.»

JOÃO DE CASTRO — O annuncio não é satisfatorio... comprehendo já?...

MARGARIDA — Comprehendi... que ha uma grande infamia em tudo isto! (*á parte*) Julio seria capaz...

JOÃO DE CASTRO — Bem vê... só d'alguém d'estes bons amigos se pode suspeitar... Ha ambições que se não satisfazem senão com a morte de um homem...

MARGARIDA — E se tudo isso fossem calumnias inventadas para tornar em desordem esta habitação?

JOÃO DE CASTRO — Não é provavel.

MARGARIDA (*á parte*) — Julio seria tão covarde!...

JOÃO DE CASTRO (*erguendo-se*) — Agora vou fazer chegar aqui o complice do roubo. Talvez que tenhamos de entreter-nos seriamente, a ver qual acerta primeiro no outro, com uma pequena bala de chumbo...

MARGARIDA — Meu Deus! (*levantando-se*) Que res expôr-te? (*á parte*) O seu modo parece-me desconfiado.

JOÃO DE CASTRO — Não se mortifique por minha causa; em quanto á senhora, está ainda nova... tem um fino cabelo preto... alguns fios de excellentes perolas...

MARGARIDA — Quer dizer com isso?...

JOÃO DE CASTRO — Que se eu morrer, encontrará facilmente... outro marido! (*vae ao cordão e faz tocar a campainha, a cujo som apparece um criado*)

MARGARIDA (*á parte*) — Oh! é o ceo que me inspira! E' Deus que me salva! Julio partirá sem se bater.

JOÃO DE CASTRO (*ao criado*) — Sobe aos quartos de cima, e dize ao senhor Julio de Menezes que tenha a bondade de me fallar. (*o criado baixa a cabeça e sae*) Dizem que Julio é destro no jogo da pistola... tenho tambem orgulho de atirar menos mal... Diabo! não dever ser divertido, não é verdade?... (*riudo forçadamente*) Ah! ah! ah! hade ser bello e muito divertido... hade! (*suffoca-se em soluços, mas não querendo dar a conhecer a impressão de tal sentimento*) Então... ria com tal gosto que me ia suffocando!

MARGARIDA (*que se lhe lança nos braços*) — Que tens, João? choravas, meu amigo... tu choravas?...

JOÃO DE CASTRO (*disfarçando e querendo rir*) — Chorar... eu! Que loucura! Chorar... eu que nunca chorei?! (*novos soluços embargam-lhe a voz, o que elle em vão procura disfarçar*)

MARGARIDA (*apertando-o com extremo*) — Vejo os teus olhos arrasarem-se de lagrimas!... Choravas... choravas que eu bem sei! Oh! querido... (*passando-lhe as mãos pelo rosto, atrevez dos cabellos, apertando-o a si, e beijando-o com extrema meiguice*) Que bater tão violento é este que te agi-

ta o coração?! Amas-me... amas a tua Margarida?...

JOÃO DE CASTRO (*preso de emoção*) — Cala-te... cala-te!

MARGARIDA — E' Deus! é Deus que faz com que o ame! (*com novos transportes de affecto*) Sim, meu amigo, amo-te agora, e muito! Perdoa... perdoame se até aqui o mesmo sentimento me não abraçava a alma. Mas hoje... hoje começo a amar-te com aquelle verdadeiro extremo com que se ama a Deus!

JOÃO DE CASTRO (*unindo-a a si*) — Oh! n'este instante... como te não perdoaria eu de todo o coração?

SCENA XII.

OS MESMOS E JULIO..

(No momento de Julio entrar, Margarida está abraçada a seu marido.)

JULIO — Mandou-me chamar?

JOÃO DE CASTRO — Se o fiz incommodar, desculpe-me. E' tão importante a brevidade d'uma explicação entre nós, que não hesitei em mandar-lhe pedir que me concedesse alguns minutos.

JULIO — Se é ainda sobre o assumpto de honrem, peço perdão, mas retiro-me.

JOÃO DE CASTRO — O assumpto é, e não é, aquelle a que allude.

JULIO — Não comprehendo.

JOÃO DE CASTRO — Vou explicar-me. Essa rapariga de quem o senhor abusou em minha casa...

MARGARIDA (*inquieta*) — Por Deus, meu amigo.

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher, fazendo signal de tranquillisar-se*) — Vamos... é com o senhor Julio de Menezes que eu fallo.

JULIO — Ia dizendo...

JOÃO DE CASTRO — Ia dizendo, que essa rapariga... roubou as joias de minha mulher na occasião de se achar aqui com v. s.^a!

JULIO — E' uma calumnia! Adelaide roubar! é impossivel!

JOÃO DE CASTRO — Ainda que eu não reputasse o senhor Julio complice d'essa creatura, este ardor em desaffrontar-a, é bastante... é de mais, para me deixar ver que tomou parte nos actos vergonhosos d'essa miseravel.

JULIO — Quer dizer que coadjuvei um roubo?!... Eu roubar! Exijo que se retracte immediatamente.

JOÃO DE CASTRO — Retractar, é bom para os covardes, e quando lh'o exigiam com tanta arrogancia e audacia. Admiro o cynismo com que se apresenta! Sei positivamente que Adelaide roubou as joias de minha mulher, para em seguida fugir d'aqui... acompanhada!... Resta saber... resta justificar-se se tomou ou não parte n'este delicto.

JULIO — Eu! justificar-me de uma tão vil desconfiança, que é um insulto... que é uma provocação?! A minha resposta, senhor, é que estou ás suas ordens.

JOÃO DE CASTRO — Para que?

JULIO — Para nos batermos.

MARGARIDA (*no meio d'ambos*) — E' uma imprudencia, não hãode bater-se. O senhor Julio não hade causar-me esse desgosto.

JULIO — Uma reconciliação é impossivel; preciso vingar a minha honra.

JOÃO DE CASTRO — Que armas escolhe?

JULIO — Para mim é indifferente.

MARGARIDA — Não quero que se batam; desconfiar do senhor Julio é uma loucura. Vamos, apertem as mãos, sejam novamente amigos.

JOÃO DE CASTRO — Senhoras não podem ajuizar circumstancias d'esta natureza. (*a Julio*) Tenha a bondade de dizer que armas prefere.

JULIO — Pois bem, já que insiste... seja á pistola.

JOÃO DE CASTRO (*dando-lhe a mão*) — Está dito, vou preparar as minhas, e d'aqui a alguns instantes, espero-o... (*falla-lhe ao ouvido*) — Creio que não faltará?...

JULIO — Não faltarei.

MARGARIDA (*á parte*) — Tenho ainda uma idéa.

JOÃO DE CASTRO — Adeus, até já. (*sae ligeiramente*)

Continua.

As settas de Cupido.

No mundo o amor é tão velho,
Que devia ter bolor;
Porém pinta-se um fedelho
Cupido, que é deus do amor!
Scismo com isto bastante...
Porém vamos adiante,
Que não me é dado poder
Profundar este mysterio;
Quem tomar o caso a serio
E' capaz d'endoidecer.

Dizem que este creançaça,
De subidas perfeições,
Agudas settas amola
Com que espeta corações;
Dizem que tem engraçada
Aljava d'ouro, ou doirada,
Onde as armas crueis traz;
E que fere noite e dia
Com tão certa pontaria,
Que melhor ninguem o faz.

E dizem que, por mais duro
Que já seja um coração,
Elle, se quer, lhe faz furo
Com seu agudo farpão:
E' por isso, certamente,
Que nós vemos muita gente,
Teimando inda em captivar
Lindos rostos prazenteiros,
Sem ver que os muitos Janeiros
Fazem-lhe o lombo vergar.

Dizem que o tal deus Cupido,
Lindo, travesso rapaz,
Em seu brincar atrevido
Não deixa ninguem em paz:
Dá-lhe a mosca, ou a veneta,
Despede bicuda setta,
E fere sem compaixão,
Seja rapaz engraçado,
Seja torto, ou aleijado,
Seja gigante, ou anão.

As meninas engraçadas,
De carinha de primor,
Soffrem — dizem — mil picadas
Das settas do tal senhor;
Padecem as coitadinhas,
E ficam como louquinhas
Noite e dia a suspirar...
E o seu mal é tão profundo,
Que esquecem tudo no mundo,
Só lhes lembra namorar.

Com fogo, que não se apaga,
Namoram aos dois, aos tres,
Quando foi profunda a chaga,
Que a setta n'alma lhes fez;
E a tanto chega a loucura,
Que não olham formosura,
Não teem o dom d'escolher;
Por isso bellezas raras
Engraçam com certas caras,
Que devem medo fazer.

Tambem esbeltos janotas
Rendem promessas d'amor
A desdentadas velhotas,
Com faces de rubra côr;
Fazem-lhes ver que andam tontos,
E a dar alma e vida promptos
P'los encantos divinaes
De tão medonhas caveiras,
Que, postas sobre figueiras,
Espantariam pardaes.

Por causa do deus magano
Soffrem-se penas sem fim;
Mas elle, co'os mais tyranno,
Não dispara um tiro em mim!...
Temerá o deus perfeito
De quebrar n'este meu peito

O melhor farpão, que tem?
— Não, não teme a resistencia;
E' que tem de mim clemenea,
E faz elle muito bem.

Sonetos.

Empunha essa navalha, mestre Antonio,
Que tem rapado já duros cabellos,
Deita abaixo depressa os loiros pellos
De quem quer contrahir o matrimonio;

Limpa a cara roliça ao terno Jonio,
Que o verás ser inveja dos mais bellos,
E fazer a ditosa arder em zelos,
Temendo tentações d'algun demonio;

Vamos, mestre barbeiro, diligente,
Põe-lhe sabão de cheiro superlino,
Que, de certo, o rapaz paga a patente;

Depois, julgando-se homem já de tino,
Dirá ao pae da bella em tom contente:
Eu já posso casar — não sou menino.

Meu amigo, escolheste uma mulher
Tão linda — não augmento — como o sol,
Mais fresca que um mimoso girasol,
Mais brilhante que um cravo, ou malmequer;

Tem lustroso cabello; e quando quer
Faz d'elle um retorcido caracol,
Que lhe fica a matar!... quasi do rol
Dos maridos ditosos podés ser.

Tua mulher, senhora meu capaz,
E senhora tambem do seu nariz,
Apenas quando raiba não te apraz;

Pois eu dou-te um conselho, meu Luiz:
Pega n'uma tesoura boa, e — zás,
Corta-lhe a lingua, viverás feliz.

Tudo ao mar vae correndo em cambulhada,
Tudo se quer banhar no *patrio Tejo*;
Não ha bella ou janota sem desejo
De bem se mergulhar n'agua salgada!

Uns a barca sómente lhes agrada,
Ou por serem medrosos, ou por pejo;
Outros, onde se pesca o caranguejo
Vão refrescando o corpo á regalada.

Dizem que os banhos são prodigios santos,
Que, dando tom á fibra, curam toda
A casta de molestias, e quebrantos:

Comigo tal pensar não se accomoda;
E penso que os mergulhos, que amam tantos,
São pequeno remedio, e grande moda.

A UM QUE MORRIA D'AMORES PELAS SUAS BARBAS.

Na verdade, rapaz, na cara séria
Dá-te grande valor esse bigode;
Quem disser que essas barbas são de bode
Merece ser sangrado n'uma arteria;

E não penses que o digo por pilheria,
Ou por ver que outra rima não me acode;
Mas só porque essa barba tanto pode,
Que me obriga a fallar n'esta materia.

Tens uma cara mesmo d'arreganho!
Quando passas na rua és apontado,
E creio que esse é todo o teu empenho;

Vives das tuas barbas encantado...
Mas é pena que sejas um tacanho,
E não possas ser bom porta-machado.

J. I. D'ARAÚJO.